

## A PERFORMANCE POÉTICA DE FABIÁN SEVERO E A INSERÇÃO DO PORTUNHOL COMO INFLEXÃO DA VOZ

Juliana Silva Cardoso Marcelino<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo apresentar a poesia de Fabián Severo que retrata a realidade fronteiriça (Brasil/ Uruguai), na cidade de Artigas, Uruguai. Neste espaço, o poeta desempenha a função de porta-voz de seu povo e utiliza o portunhol na escritura. Ele atribui aos seus textos uma qualidade performática, juntamente com a contribuição do leitor, ao engendrar porções de pensamentos na construção do sentido e recria a fronteira como um lugar pluricultural.

**Palavras-chave:** poesia; Fabián Severo; fronteira Artigas; portunhol; performance.

**RESUMEN:** El presente artículo tiene como objetivo presentar la poesía de Fabián Severo que retrata la realidad fronteriza (Brasil/ Uruguai), en la ciudad de Artigas, Uruguai. En esto espacio, el poeta desarrolla la función de portavoz de su pueblo y utiliza el portuñol en la escritura. Él atribuye a sus textos una cualidad performativa, juntamente con la contribución del lector, en engendrar porciones de pensamientos en la construcción del sentido y recria la frontera como un sitio pluricultural.

**Palabras clave:** poesía; Fabián Severo; frontera Artigas; portunhol; performance.

### 1. Introdução

Na prática poética de Fabián Severo, é possível percorrer os limites territoriais e culturais, sempre em tensão, entre dois países, no caso, Brasil e Uruguai. Deparamo-nos com indivíduos não inseridos completamente na identidade nacional uruguaia e, conseqüentemente, não totalmente assimilados pela nação brasileira. São sujeitos que acabam estigmatizados por serem fronteiriços e absorverem, ao mesmo tempo, conteúdos de duas nações distintas. Essa permeabilidade e a coexistência cotidiana desse espaço que extrapola os tratados políticos de ambos os países é conhecida como fronteira.

Na imbricada trama entre sujeitos, culturas, linguagens e territórios, descobrimos a fronteira não como um espaço unifuncional, capaz apenas de delimitar países. Entretanto,

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com bolsa Capes.

serve de local onde se emolduram diferentes fenômenos sociais produzidos pelo intercâmbio transfronteiriço, pelo qual o sujeito se recria constantemente. Podemos vislumbrar o reinventar do escritor através de suas práticas literárias.

A poética de Fabián Severo<sup>2</sup> é exímio exemplar que penetra num universo pluridimensional e permite, entre muitas possibilidades, analisar a lógica perversa da homogeneização cultural, instaurada pelo sistema linguístico mundial e de circulação de informação. De acordo com Pascale Casanova (2002)<sup>3</sup>, o campo literário está diretamente vinculado à língua de prestígio. Ela supõe a existência de uma prática que reforça, transforma e aumenta, com o passar do tempo, as viabilidades formais e estéticas dos textos literários. Fabián realiza através do Portunhol, uma língua sem nenhuma notoriedade, a desconstrução do capital linguístico-literário do português e do espanhol. Essa variedade linguística colaborou para questionar o imaginário do Uruguai como um país monolíngue em espanhol e possibilitou uma maior compreensão do que seja a fronteira. Ou melhor, concede o desenvolvimento de uma dimensão literária híbrida, cheia de alteridade e sofrimento, matizada por uma escrita artística, utilizando o Portunhol como material e força criativa de autenticidade e representação do povo fronteiriço.

## **2. O caráter aporético na poética de Fabián Severo**

Fabián Severo, ao utilizar o Portunhol como recurso linguístico criativo, permite inscrever entre os discursos e campos disciplinares um dinamismo dialético operativo, da consciência de fronteira circundada por revelações e, simultaneamente, favorece a compreensão de certas marcas inseridas no ambiente fronteiriço, que se esvai do cenário de prestígio e da língua padrão. O poeta explora a musicalidade e a fluidez presentes no Portunhol, sequestra o leitor em uma atmosfera de estranhamento mediante a ambivalência da representação da língua baseada na repetição de uma prática dos cânones que considera o Portunhol como “erro” ou como uma língua falada por pessoas sem instrução, além do resgate

---

<sup>2</sup> Escritor nascido em Artigas, cidade localizada mais ao norte do Uruguai, que possui aproximadamente 44 mil habitantes e faz fronteira com Quaraí, Rio Grande do Sul, Brasil. Nascido num espaço geográfico em que o Portunhol é amplamente utilizado.

<sup>3</sup> Pesquisadora e crítica literária francesa.

memorialístico bombardeado de fantasmas que vai contra os regulamentos que selecionam a história. Cria-se, mediante a desconstrução performática, a característica do não pertencer ou referenciar algo já fixado.

O Portunhol é a desconstrução simultânea de duas línguas, o português e o espanhol, o que gera uma imprecisão em sua composição. Luís Fernando Medeiros de Carvalho, em seu livro *Cenas Derridianas* (2004, p. 35), comenta a respeito do efeito da desconstrução como uma “tentativa de dar conta da atividade múltipla de produzir marcas que se inscrevem por um lado, e por outro, e se auto apagam”. A língua e seus desvios diante do curso normal se apresentam inconstantes, o que surpreende e encanta o leitor.

Fabián, através de sua prática poética, mostra a história por outro viés, já que opta por não escrever em espanhol, língua de prestígio, e ultrapassa o senso comum, compreendendo a fronteira como um lugar pluricultural e crivado de particularidades, no qual a visão horizontalizada do tempo linear insiste em esconder e eliminar outras versões repletas de esquecimentos e abandonos e violência. Nesse espaço, o sujeito poético retrata o preconceito sofrido na escola em relação à sua língua materna. É o que se percebe nos trechos do poema “Trinticuatro”, a seguir:

Mi madre falava mui bien, yo entendía.  
Fabi andá fazer los deber, yo fasía.  
Fabi traseme meio litro de leite, yo trasía.  
Desí pra doña Cora que amañá le pago, yo disía.  
Deya isso gurí i yo deiyava.

Mas mi maestra no entendía, mandava cartas  
Mandava cartas en mi caderno.  
Todo com rojo (igualsito su cara) i assinava imbaiyo.

Mas mi madre no entendía.  
Le isso mim ijo i yo leia.  
[...]  
Intonses serto día mi madre entendío i disde:  
Meu fío, tu terás que deiyá la iscuela  
I yo deiyé (SEVERO, 2011, p. 58).

Ao considerar o pacto entre poeta e leitor, testemunha-se a intervenção no segredo do poético e nas significações das palavras que jamais irão ser apreendidas em absoluto. A complexidade do poético se concretiza no poema como um acontecimento da linguagem que

nunca se permite ser lido ou traduzido em sua integralidade. De acordo com Jacques Derrida (apud EYBEN, 2014), filósofo contemporâneo franco-magrebino, a língua não possui caráter de pertencimento, pois não nos apropriamos totalmente dela, ou seja, há um processo contínuo de apropriação linguística, o que nos leva a romper com a ideia de homogeneidade da língua, logo, a impossibilidade de fechamento do sentido. A partir dessas reflexões, constata-se o caráter aporético da poesia ao contemplar o movimento da *diférance*, conceito criado por Derrida que aborda a ideia de o signo nunca ocupar um único significado. Portanto, será uma presença indefinida pela multiplicidade de sentidos, no qual o poema é involucrado. A cada sutil contato, constata-se uma contínua travessia em busca de novas alianças interdisciplinares e relações de alteridade desprendidas de intenções preestabelecidas.

A aporia poética se dá não no sentido de impasse ou fechamento. Seria a necessidade de resistir ao cerceamento dos sentidos e ressaltar a importância do acontecimento, a surpresa sem hora de chegada ou qualquer tentativa de controle, a hospitalidade e o dom. Como demonstra Jean-Luc Nancy, filósofo contemporâneo francês, “o poema se mostra enigmático, somente uma mínima parcela de sua constituição, o que está visivelmente colocado no papel em sua superfície se pode imaginar, pensar e representar” (apud EYBEN, 2014, p. 18).

A poética de Fabián Severo, por todos os seus poros, presenteia o leitor com o dom de receber a fronteira Artigas que risca o mapa, repleta de segredos, marcas, feridas e golpes. A fronteira abre-se à visita para que o leitor enxerte seus pensamentos e inscreva impressões completamente imprevisíveis ao se pronunciar através da cumplicidade que se cria e o prazer evidenciado, transbordando à ação de se ler. Presencia-se o sujeito deslocado do imaginário nacional, assinalado pela desigualdade social e com propósitos históricos distintos. A presença do subalterno também manifesta, segundo o filósofo Homi K. Bhabha (2011), uma “autoridade social”. É possível enxergar a fronteira permeada de histórias individuais repletas de experiências, como uma ferramenta fundamental para a compreensão da história do coletivo, adicionando um apanhado memorialístico e histórico que se desdobra e se reconfigura a partir da ótica do minoritário, permeado de exploração e descaso, privilegiando as cidades com maior potencial econômico, o que reconfigura o cenário cultural literário. Isso se observa nos trechos do poema “Dose”, de *Noite nu Norte/ Noche en el norte*:

Artigas tevi um seu yeio distrela  
Um río yeio de peiye  
Um campo verde, asím de árbol  
Uma terra brilhante de pedra  
Mas alguém levou tudo pra otru povo  
I nos fiquemo seim nada (SEVERO, 2011, p. 30).

A poética é esse lugar de entrecruzamento de possibilidades e abertura de espaços alcançados pela “intrusão” do leitor que dilui qualquer tentativa de limitação de sentido, local de partilha. Segundo Derrida, é uma “*rede diferencial* de rastros que se reenviam uns aos outros ao infinito” (apud EYBEN, 2014, p. 50-51). Compõe-se de um cenário paradoxal que isocronicamente agrega e translitera múltiplos movimentos rumo a uma multiplicidade de sentidos e está em contínuo apagamento. A ação de recepcionar e os movimentos de percepção do poema sofrem o apagamento da intenção primeira e esses rastros deixados pelo autor poderão ser apropriados pelo leitor para se tornar traços que contribuem para a construção da interpretação, porém, já na travessia, esses rastros foram totalmente contaminados e transformados pelo leitor, ou seja, foram apagados.

A desconstrução só possuirá significação em situações de troca, no caso das línguas, português e espanhol, e todas as suas implicações histórica, social e cultural, com alicerce na “promessa” vinculada na aporia. A promessa não se limita a uma suposição futura ou descritiva de um ato, mas ao seu transbordamento em não ser suficiente para se garantir em qualquer ocasião. A partir dessa atuação baseada na ação performática do extravasar, não atingirá um caminho exato para a interpretação do poema, o que leva à aporia no sentido de abertura, para que um acontecimento ocorra e se enverede no entrecruzamento de espaços, “a promessa de inventar e deixar ler o outro na aporia” (CARVALHO, 2004, p. 54).

### **3. A presença ativa do corpo**

A presença dos corpos não está distante do discurso, há uma efetiva participação e não se pode descartar o amalgamento cultural e as influências institucionais que afetarão a colocação desses corpos diante da obra, seja como criador, seja como expectador. Constata-se a percepção da alteridade espacial marcando o texto. No campo literário moderno, a construção da imagem do escritor tornou-se relevante, visto que sua visibilidade e

discursividade estará, de certa forma, interagindo com seu aspecto físico, sua realidade vivida e sua colocação no mundo. Não há como renegar a figura do escritor, uma voz viva, que possui a necessidade de não se calar. Através da voz que emana de suas vísceras, logicamente, trará em seus sons os desejos e as intenções primeiras que, ao se materializar, já não pode precisar ou resgatar qualquer intenção, pois, o texto só existe e legitima-se nessa função discursiva, se for potencializado por um leitor.

Para que possa haver uma compreensão da performance na poética de Fabián Severo, há uma necessidade de apresentá-lo de forma mais detalhada a fim de que se crie uma figura física desse escritor que age e se movimenta através da poeticidade e, simultaneamente, estimula o leitor, contemplando-o com o prazer de tornar familiar sua produção poética articulada na percepção do leitor ao encontrar um homem de verdade. A partir desse encontro, inicia-se o jogo performático de reconhecer e ressignificar signos. Vale ressaltar que noção de performance apresenta uma dinâmica entre o real e o imaginado em permanente conexão.

Fabián é um jovem poeta que nasceu em Artigas, cidade fronteira entre Brasil e Uruguai, localizada na região Norte do Uruguai. A cidade é constituída por uma população rural desfavorecida economicamente, sendo notável a inter-relação entre vizinhos circundada pela aproximação social, cultural e econômica. É conhecida como “zona seca”, onde não há impedimentos para que se obtenha o contato entre as nações. Artigas interliga os países pela ponte Internacional da Concórdia sem que haja interferência no quesito de segurança para refrear a permissão de trânsito. Essa região fronteira é um exemplo de resistência ao apagamento de histórias que o tempo linear insiste em escamotear.

Severo escreve seus poemas em Portunhol, língua falada em Artigas em ambiente familiar, uma língua afetiva e muito estigmatizada, da qual ocorre a desconstrução simultânea de dois idiomas, o português e o espanhol, e materializa-se de forma espontânea, sem regras linguísticas. Muitas vezes, o portunhol é considerado como “erro” linguístico falado por pessoas com baixa escolaridade. Sendo um desvio das normas padrão da língua espanhola, tem o suporte na oralidade e realiza-se como linguagem transpondo a função linguística, visto que agrega uma história física e psicológica que risca a fronteira.

Em “Cuartose”, a seguir, percebe-se essa mescla cultural (Brasil e Uruguai), o que contribui para a formação do Portunhol como uma língua híbrida e representativa para os

sujeitos subalternizados pertencentes a Artigas, pois esses sujeitos pensam-se, imaginam-se e recriam-se emergidos nesse limbo. Vejamos:

Desde piqueno  
vemo seus programa  
iscutemo suas música  
aprendemo sus baile  
cumemo sua comida  
resemo seus santo (SEVERO, 2011, p. 32).

O escritor leciona Literatura e coordena oficinas de escrita literária, sempre engajado em participar de projetos que vislumbram a melhoria de educação pública no Uruguai. Escreveu as seguintes obras: *Noite nu Norte*. Poemas em Português (Ediciones del Rincón, 2010), *Noite nu Norte/ Noche en el norte*. Poesía de Frontera (Rumbo Editorial, 2011), *Viento de Nadie* (Rumbo Editorial, 2013), *NósOtros* (Rumbo Editorial, 2014) e *Viralata* (2015). Algumas de suas obras já foram publicadas no Brasil, Argentina e Estados Unidos. O referido autor participa em diversos eventos literários, congressos e feiras, em diferentes cidades e universidades brasileiras. Utiliza-se as mídias virtuais - *blogspot*, *Facebook*, *You Tube* e *Instagram* - para compartilhar sua saga como poeta; e fez parceria com o compositor Ernesto Díaz, em que se apresentam em saraus. Os dois, inclusive, participaram de um documentário *A linha imaginária*, dos diretores Cíntia Langie e Rafael Andreatza, da Moviola Filmes, sobre a fronteira Uruguai-Brasil. A noção de performance apresenta uma dinâmica entre o real e o imaginado, que estão em permanente conexão.

Ao traçar esse panorama da figura do escritor, é possível reconhecer, dentro de um contexto ao mesmo tempo cultural, circunstancial, virtual e concreto, a necessidade dessa voz em encontrar um lugar, por meio de sua ação e conduta sociocultural. Isso permite uma responsabilidade performática que toca e sensibiliza o que é conhecido. No poema “Sincuentioito”, de *Noite nu Norte*, emana-se um sentimento do sujeito “fronteirizo” e evidencia-se a fronteira de Artigas como uma região composta por ruídos e silêncios, onde se entrecruzam vidas e experiências, que só a fronteira conhece:

Nos semo da frontera  
Como u sol que nase alí tras us ucalito  
Alumeia todo u día ensima du río

I vai durmí la despós da casa dua Rodrigues.

Da frontera como a lua  
Quis faz a noite cuasi día  
Deitando luar nas maryen del Cuareim.

Como el viento  
Que ase bailar las bandera  
Como a yuva  
Leva us ranyo deles yunto com los nuestro.

Todos semo da frontera  
Como esses pássaro avuando de la pra qui  
Cantando um idioma que todos intende.

Vimos da frontera  
Vamo pra frontera  
Como us avó i nossos filio  
Comendo el pan que u diabo amasó  
Sofrendo neste fin de mundo.

Nos semo a frontera  
Mas que qualquério  
Mas que qualqué puente (SEVERO, 2011, p. 91).

As vozes presentes na poética de Fabián Severo possuem um efeito avassalador conseguido através da ação performática que desfaz o aprisionamento etnocêntrico da poesia. Quebra-se com a perspectiva do uso de uma língua oficial. A opção por utilizar o Portunhol, a língua da fronteira, que possui como principal característica a oralidade, promove designações próprias, além de assumir uma função social e, simultaneamente, apresenta-se como eixo principal a fronteira, um lugar apagado na história política, econômica e social da nação uruguaia.

Paul Zumthor (2002), crítico literário e linguista suíço, comenta a respeito do efeito exercido pela oralidade sobre o próprio texto e o acesso social que os poemas possuem ao serem transmitidos. Segundo ele:

Era preciso concentrar na natureza, no sentido próprio e nos efeitos da voz humana, independente dos condicionamentos culturais particulares [...] para voltar em seguida a eles e re-historicizar, re-espacializar, se assim posso dizer, as modalidades diversas de sua manifestação (ZUMTHOR, 2002, p. 12).



Ao pensar em performance poética, o Portunhol concerne de forma iminente a um evento oral, considerada a “língua dos pobres”, que carrega o estigma de uma língua mal falada em relação às hegemônicas (português e espanhol), que reverbera as faltas e desprovimentos sofridos na fronteira. Isto é, está sempre vinculada à ideia da evidência de um corpo, no qual vibrará e dará sentido ao poema, proporcionando um lugar cênico no qual se flagra, de certa forma, a intenção do autor. Assim, reconhece-se um leitor que se familiariza com o espaço e, a partir daí, “o poema se joga em cena ou no interior do corpo e de um espírito de leitura” (ZUMTHOR, 2002, p. 59, grifo nosso).

A performance poética se dá em um tempo presente e efêmero, podendo ou não apresentar um registro por parte do leitor e naquilo que o crítico literário encontra ao tentar conceituar e dimensionar a performance que está, muitas vezes, em um vazio. No entanto, a evidência do ato performático é legítima. Quando se atribui a voz alta à leitura do poema, com declamação e a espontaneidade, a ação infere mais autoridade. Gonzalo Aguilar e Mario Cámara, críticos literários e autores do livro *A máquina performática: a literatura no campo experimental* (2017), corroboram com a ideia de a oralidade ser um “substrato fundamental da renovação poética” (AGUILAR; CÁMARA, 2017, p. 67) dos últimos tempos.

Todo esse percurso que Fabián Severo deslinda contribui para a desconstrução de uma literatura concentrada em um espaço físico, histórico e temporal selecionados a fim de representar a nação europeia. Segundo Zumthor (2002, p. 12), é preciso separar a poesia da literatura delineada pelos moldes eurocentristas, já que a poética é “uma arte humana, independente de seus modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas”. A prática poética é impregnada de particularidades, na qual, ao ser vivenciada, não se permite apenas a leitura técnica codificada por signos. Esta é a mágica da performance poética que não se deixa oprimir pelos artefatos hegemônicos da escrita. Tem-se a presença de energias vitais humanas na compreensão e ressignificação poética, todavia, está profundamente ligada à recepção e a um envolvimento do corpo.

É necessário que se reconheça dentro de uma perspectiva complexa a relação entre o leitor e o poema, a energia viva e sua autonomia interpretativa que se potencializa, pois a poesia se desvincula do ato imperativo e informativo presente em muitos textos. Há o comparecimento sensorial na percepção do poema por um ser humano e todas as suas

implicações como cidadão no mundo, o que acaba por compelir alguma sugestão sobre o texto poético. Esse leitor, quando se familiariza e cria um pacto afetivo com o texto, reage diante da presença material do texto que devota ao poema significações singulares regidas por uma assistência psíquica, social, institucional que podem, inclusive, oprimir seu desejo primeiro. Pode-se inferir desse jogo poético que poeta, poema e leitor são a existência performática da vida marcada pela heterogeneidade que se caracteriza pela indefinição e por gerar efeitos psicofisiológicos particulares e não estáticos na significação e ressignificação textual.

#### 4. Conclusão

Entende-se que a poética de Fabián Severo intenciona criar algo “autêntico”, um verdadeiro legado para seu povo e leitores. O poeta opta por escrever em *su lengua materna*, o Portunhol, uma variedade ágrafa do português, com maior ou menor influência do espanhol, e muito utilizado pelos habitantes de Artigas, cidade fronteira entre Brasil-Uruguai. A experiência poética transmite a ideia de se colocar no lugar do outro para poder sentir verdadeiramente o que o outro sente através da apresentação da fronteira Artigas, descrita pelo olhar do escritor, tomada por uma subjetividade, não como um desabafo emocional, mas como um esforço de articulação verbal, de uma tentativa de escrita.

A prática poética do escritor não se configura em uma estrutura fechada, translitera, agrupando movimentos múltiplos do mesmo e do outro, que intermitentemente se deslocam. Isso possibilita ultrapassar uma intenção primeira do autor, enveredando-se pelos caminhos da alteridade. Apresenta-se um contínuo ressignificar por meio da presença do corpo vivo. O leitor enxerta seu pensamento e inscreve o impensado, emancipando a linguagem através da energia vital da partilha. O poema aparece perfurado por lacunas, espaços em branco e precisa ser preenchido e visitado por meio da sensibilidade particular do leitor que, provisoriamente, inunda de sentido que, logo, será apagado.

#### Referências

AGUILAR, Gonzalo; CÁMARA, Mario. *A máquina performática: a literatura no campo experimental*. Tradução Gênese Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BHABHA, Homi K. O entrelugar das culturas. In: COUTINHO, Eduardo (org.). *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CARVALHO, Luiz Fernando Medeiros de. *Cenas Derridianas*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

EYBEN, Piero (org.). *O pensamento intruso – Jean-Luc Nancy e Jacques Derrida*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2014.

SEVERO, Fabián. *Noite nu Norte/ Noche en el norte – poesía de la frontera*. Montevidéo: Rumbo Editorial, 2011.

SEVERO, Fabián. *Viento de nadie*. Montevidéo: Rumbo Editorial, 2013.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002.